

O DOMINGO

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

ilustrado

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



Concurso de Tiro em Pedrouços

Está decorrendo com o maior entusiasmo, na magnifica Carreira de Tiro de Pedrouços, o concurso anual. A nossa pagina representa os grandes atiradores Mme La Cerda e Dr. Antonio Martins, nas suas belas atitudes de Sport.

crónica da semana por Norberto Lopes

CARTA AO N.º 86

UM dia de feriado, um dia sem jornal, permitiu-me o luxo de consagrar uma boa hora á leitura dos annuncios do "Diario de Noticias", Exercício util e agradável de ginastica mental. Indispensavel mesmo a quem trabalha a letra redonda.

Não vai longe o tempo em que se topavam naquella deliciosa caleidoscopio da vida humilde de Lisboa communicados pitorescos de amor, que te minavam quasi sempre por "milhões de beijos" ou por "infinitas saudades da tua e só tua".

Mas o anurcio amoroso, infelizmente, acabou. Ou porque a empresa lhe tivesse fechado a porta, ou porque o amor a cioco tosidos por linha passou de moda e os amores contrariados descobriam outro processo mais engeroso e mais economico de trocar seus pensamentos.

Em todo o caso, ainda ha pano para mangas naquena pagina annunciadora do "Diario de Noticias".

H je, por exemplo, era o estudante do 5.º ano medico, rapaz baslaute simpatico, que não tendo "pessoa indicada" para lhe oferecer a pasta de quintanista, pedia a uma donzela a mercê de lhe bordar esse delicado pormenor de seda indispensavel a um rapaz que termina a sua formatura. Divida "que ele sabera saldar com reconhecimento e gratidão". Carta ao n.º 86.

Não sei quantas, meninas terão respondido a este annuncio original. A publicidade ainda é um grande recurso para as pessoas que têm uma dificuldade na vida. E precisar duma pasta não é propriamente uma dificuldade. É uma aspiração.

Certa Stéphanie Lauzanne que um dia apreheci no "Times" o seguinte annuncio:

"Um pobre cura, que não consegue coilhar vintem e que tem seis filhos, pede a mercê de lhe fazerem presente dum piano, para que a sua filha mais velha possa aprender musica".

No dia seguinte, o pobre cura recibia em casa nada menos de seis pianos—um para cada filho!

Não velo razão para que o pobre estudante de medicina deixe de receber pelo menos trezentas e sessenta e cinco pastas—um para cada dia do ano.

Resta saber se o nosso estudante será homem para "dar vincimento" a tanta pasta.

NORBERTO LOPES

Este numero foi visado pela comissão de censura

OS TRABALHADORES



—T. mas muito triste em não fazerem nada. —Porque se trabalhasssem, com a creta que he, estavamos agora desempregados...

NOVIDADES E NOTICIAS D'AQUI E D'AQUILA

Duas invenções

Dois invenções recentes: uma de modesto alcance pratico, outra das mais dilaçadas consequências. Inventou-se uma maquina de engraxar, que pode instalar-se na rua. Mete-se uma moeda por uma fenda, colocam-se os pés nuns buracos e, com a maior perfeição e rapidez, fica-se engraxado para três dias...

Inventou-se um aparelho—o retinoscopio—que se applica sobre os olhos e que serve para descobrir se qualquer affirmação é verdadeira ou falsa... O aparelho funda-se na idea de que o cérebro, quando alguem mente, sofre uma certa tensão, que se reflecte num movimento da retina, ao qual o retinoscopio é sensivel... Que la go futuro aberto ás pesquisas psicologicas. E praticamente, que resultados maravilhosos! Não mais maridos infieis, nem caçadores género Tartarin, nem novidades de Paris naturais da rua da Palma, nem plagiarios inconscientes nem "ingenueas" de dezetoit annos permanentes, nem grandes affirmações de desinteresse politico...

Chalá que, para bem de todos nós, o sábio americano que inventou o retinoscopio não deixa que o seu aparelho invada as pequenas nações reinadas onde a sua necessidade nunca se fez sentir.

A' quelque chose, malheur est bon...

Quando se inaugurou a Aldeia dos Mascacos, o nfrangeu nos o eip claculo dos simios que ficaram enclados e isolados nas suas jaulas, e não foram povoados o pitoresco logarejo, onde lhes sorria uma quasi liberdade. Hoje, tendo verificado que a aldeia conta muito mais dum cento de habitantes, entre os quais pre. omi nam os "lezes" desordeiros e rebeldes, e as senhoras visinhas, achamos preferivel a sorte des que vivem tranquils, nos seus predios independentes, sem tomarem parte em brigas ciu mentas nem em tumultos de rua. Esses mascacos isolados lomzaram até um aspecto mais grave e constituem, como que a aristocracia do jardim... As suas jaulas acanhadas mas ordeiras fazem lembrar as nações de fronteiras reduzidas que lá vão vivendo com a prata da casa e sem incomodarem os visinhos... A aldeia bulhenta onde se confundem as castas e cada um só pensa em melhor ercher a boca, de bananas e amendoim, faz peisar em experiencias arranjadas de novos aspectos sociais...

Museu de Conquistas

Pensa-se em organisar um Museu das conquias maritimas. Tendo conhecimento desta idea, um conceituado ex-dramalargo da nossa praça, ex-poeta de sonetos ás ligas de senhora duqueza, actual e sempre brilhante cronista lusobrasileire, propôs ao governo a organisação dum completo museu de conquistas terrestres. Nêle figurariam as edições "princ ps" das cartas de Soror Mariana e do Secretario os Amantes, uma fotografia em ampliação do qailarino Florencio, o monculo do proprio organisador da exposiçào, algumas reliquias da Londres, etc, etc...

Cultura popular

O "Domingo Ilustrado", semanario do povo e para o povo, não pode desinteressar-se do movimento em favor da cultura popular que parece esboçar-se. A projectada exposiçào de iluminuras e miniaturas—cuja iniciativa pertence ao dr. José de Figueiredo—será um

dos curiosos passos desse movimento. É triste que o nosso povo desconheça as riquezas artisticas que dormem arrecadadas cio: ame te, entre as paredes dos museus e bibliotecas. Que se exponham os livros belos e que, em linguagem desataviada, alguem, á vista d'elles, explique a todos nós onde reside a sua beleza e como é intenso o seu poder evocativo. O snr. Ministro da Instrução—cérebro de intellectual e coração deidealista—bem poderia pôr em pratica um plano facil de educação popular. Perante as obras do Museu de Arte Antiga, alguma voz autorizada daria, ao povo, algumas lições sobre historia da arte portuguesa. Perante as preciosidades bibliograficas, outra voz falaria do nosso esplendor cultural, na época em que demos ao mundo exemplos de coragem e de saber.



Esta tão vantajosa que todos os portugueses descrebisssem Portugal, ao menos!

A caderneta de jogador

NOTICICU um jornal que, uma vez decretada a regulamentação do jogo, só poderá jogar quem apresente uma caderneta comprovativa de que tem bens de fortuna suficientes para «viver á grande»... A idea é simpatica, mas duma puerilidade esmagadora.

Está se mesmo a ver as itações a irem ao Governo Civil tirar a cade neta de jogador. A multidão, nas salas de jogo, devia ser compacta! É bem evidente que a idea partiu de alguem que nunca jogou uma ficha de escudo...

A psicologia do jogador arraza-a completamente. O jogador julga sempre que vai jogar pela última vez, que vai ganhar o suficiente para já mais voltar...

Uma quintilha de Tolentino

ANDA, ha dias, e qui dissemos—a proposito dos transatlanticos que se propõem ir de Roma a Nova York em cinco dias, e a proposito des comboios flechas—que o mundo se vai encurtando duma maneira extraordinaria. Dois aviedores estão prestes a circundá-lo em quinze dias, envergonhando Philéas Fogg, o heroi de Julio Verne que, apesar do seu "Pasepartout", levou 80 dias a dar a volta ao mundo...

Mas o pior é que á medida que se vai encurtando, o mundo vai tendo mais habitantes. O Congresso Demografico de Geneve provou que, em menos dum seculo, o total dos seres humanos duplicou... O que será daqui a dois seculos? A proposito, lembramos uma sentenciosa quin ilha, que viu nas guerras o remédio para a situação:

Se os homens se não matassem E impunemente crescessem, Pode ser que não achassem Nem fontes onde bebessem, Nem campos que semeassem...

«As guerras precisas são!»—clamava o poeta mestre escola que duran'e as guerras com os franceses, apenas se freu o contratempo de se ver privado das machos da sua traquitana, mobilizados em nome da tropa...

questão prévia

Por FELICIANO SANTOS

A unica terra de que sou proprietario é a que enche meia duzia de vasos de barro que lá tenho em casa e em que vegetam, com uma deferencia que nunca saberei suficientemente agradecer, algumas plantas ornamentales. Por esse motivo, talvez, nunca compreendi a permanente insatisfação em que se debatem os lavradores, perante as variações meteorologicas.

O mesmo fenomeno é, simultaneamente, origem de queixas e repositos para os homens que trabalham a terra. Tres dias de calor, intenso, por exemplo, já provocam, por intermedio dos correspondentes dos jornais, os mais lancinantes queixumes da agricultura dum certo concelho:

"Alhos Novos, tantos de tal.—O excessivo calor dos ultimos dias tem prejudicado as vinhas, prevendo-se uma colheita muito escassa. Os lavradores estão desanimados, apesar do magnifico aspecto que apresentam os milhus".

O anjo que no ceu tem a seu cargo o pelouro da limpeza e regas e que, ao contrario dos nossos vereadores, atende todas as reclamações justas, prontamente acode ao desanimo dos lavradores de Alhos Novos e officia á 3.ª repartição, mandando concentrar sobre a região, em que as vinhas estão em risco de peccer, todo o material chuvoso disponível.

Uma bela manhã o ceu toda-se de nuvens escuras e daí a pouco uma chuvinha muito certa começa a cair sobre a terra. A temperatura amenisa-se, o torrão sedente bebe sofredamente a agua benéfica e a vinha reverdece, contente. Julgareis que os lavradores de Alhos Novos, radian es, entoam o louvor da chuva, termo das suas preocupações desanimadoras? Isso então não! Põem-se a coçar a cabeça, muito contrariados, espiando no ceu fóvo a restea de sol e em breve o solicito correspondente da localidade dá conta aos leitores do seu jornal do descontentamento da lavoura:

"Alhos Novos, tantos de tal.—A chuva que abundantemente tem caído está causa do grandes prejuizos á agricultura, impedindo os trabalhos da ceifa, podendo considerar-se perdida a colheita do milho. Os lavradores mostram-se desanimados, apesar do magnifico aspecto que apresentam as vinhas".

Não será possível ao governo resolver, por um decreto, esta eterna questão agrícola, que se resume, no fim de tudo, a fazer brilhar o sol sobre as eiras e cair chová nos nabais?



CONSCIENCIA



—Ora agora não dá V. Ex.ª que eu não ensino bem a escada...

HUMORISMO



Por XISTO JUNIOR
UM INFELIZ

NÃO ha, com certeza, pessoa neste mundo com menos sorte que o Calixto. O pai morreu-lhe antes dele nascer e a mãe, por questão de minutos lhe não sucede o mesmo.

Calixto, bis-órfão, foi entregue a uma ama, que o não amava nada e desde a mais tenra infancia conheceu a assordada de alho que o diabo amassou. No collegio, ele é que sabia as lições, e os outros é que tinham as boas notas, mas em compensação os outros faziam as partidas e ele apanhava os cascudos. Quando foi ás sortes para soldado, tirou o primeiro numero da reserva, mas como um dos apurados para o activo desertou, o pobre Calixto entrou em funções de magala, em que teve mais guardas de castigo do que dias de serviço.

Para cúmulo da infelicidade o Calixto casou e como marido continuou as suas tradições de infeliz. Não que a mulher o enganasse, porque muito lalmente o punha ao facto de todas as suas ilicidas fraquezas, mas porque sempre que o Calixto desejava que ela lhe desse um menino, ela apresentava-o com uma menina, ou vice-versa, dizendo-lhe com infinito cinismo que elle não tinha nada com isso, o que, infelizmente, era verdade.

Calixto nunca chegou a estar no



andar sempre á procura de emprego. Tendo sido despedido duma retrozaria, onde havia um caixeiro que roubava o patrão e tendo sido preterido para o cargo de anão do Grande-la por excesso de robustez, Calixto decidiu ser revolucionario civil, reconhecendo que por esse caminho podia chegar a Roma e ser Papa. Justamente nessa altura estavam acampadas algumas tropas na Rotunda, que trocavam alguns tiros com os navios ancorados no Tejo. Calixto, dispoz-se a partir para a Rotunda, mas tendo-se demorado a escovar o fato e a limpar as botas, quando lá chegou já a revolução tinha vencido e as tropas retirado e já mesmo se falava noutro movimento para daí a oito dias.

Descoroçoado, Calixto decidiu arran-

jar um emprego publico, mesmo sem a carta de revolucionário civil, mas em todas as portas ministeriais a que batia, recebia a resposta do estilo: «Não ha vaga. Volte por cá quando houver vaga...»

Há dias, estando a ler o jornal, Calixto deu um pulo de alegria e largou a correr, mesmo em chinelos, para o ministério onde, quando da sua ultima arremetida, lhe tinham dado aquela resposta. O ministro recebeu-o, e apesar dos chinelos, para mostrar que não era de ceremonias.

—Então o que ha?

—Ha uma vaga, sr. ministro. Vem aqui no jornal!—exclamou Calixto radiante.

—Uma vaga?—extranhou s. ex^a.

—Ha uma vaga de calôr, na Ameri-

ca, sr. ministro, e eu podia agora ser nomeado sorvêto diplomatico com ajudas de custo em libras.

Pobre Calixto. O ministro julgou que elle estava a faltar ao respeito ao regime e mandou-o entregar á Policia,



do que resultou o infeliz Calixto não apanhar sequer a vaga de calôr, porque passou todo esse tempo á «sombra».

XISTO JUNIOR

O «black-bottom» de São Vito...

S. Vito foi um santo pacato e martirizado, tão cheio de penas que delibrou, ao morrer, trespassar—sem luvas—a todos os entes pacatos, mais ou menos simpatisantes, o seu atribulado sofrimento reinadio para que eles pudessem ganhar o reino dos ceus.

Os seus descendentes foram, em todos os tempos, mancha desagradavel da moda, a tal ponto que na epoca dos placidos serenins, era de muito mau gosto pôr-se uma pessoa a dançar no estilo de São Vito. Com o correr dos anos, reabilitou-se o frenético santo A Moda lançou-o definitivamente com o «charleston», o «shimmy», etc, etc. Hoje, ha um americano, o sr. Charles Nicolas, que desbarata de vez o prestigiado «taumaturgo». Nicolas propõe se a bailar ininterruptamente 280 horas. Aonde vae parar o «black bottom» de São Vito!...



REGULAMENTAÇÕES

A este manso torrão desconhecido onde agora andam gentes, ás ranchadas, sob um calor de estio nascido e um perfume de vinhas vindimadas,

chegam os echos surdos da Cidade como suspiros de um drogão distante que cospe uma mentira e uma maldade no tumultuoso orfar de cada instante.

Vistas de longe, certas bambochatas apregoadoras de algum bem utópico, se têm ahí seus fumos de bravatas têm, de aqui, um calibre microscopico.

E ha muito homem, cheio de arrogancia da que ahí tudo se embasbaca e pasma, que bem visto nas lentes da Distancia se reduz á cravira de um miasma.

Os problemas vitais que ahí traduzem mil pulsações de vida sem sentido, as leis que se defendam ou se acusem com fundamento real, ou só de ouvido,

tudo isso, esse ar, essa balburdia eterna que faz os mexericos do Chiado e dá tanto cuidado a quem governa como aos que já se tem governado,

é vago marulhar de mar remoto que chega aqui já desquebrado e brando... A poeira leve de um caminho ignotp que as flammulas do milho vão limpando...

Porisso vgora os olhos do decreto que traz o baloteiro ancioso e em fogo por conter o tratado mais completo do que é e do que tem de ser o jogo,

morreu de morte ingloria, alem da Estrella, pouco ou nada trazendo á Musa arisca pois não querem decerto desprendê-a da larga sciencia com que jogz a bisca.

Regulamento! Mas se o jogo e um vicio dar-lhe existencia séria e official? E' que, se é grande o mal e o maleficio tem a lei de ser serva desse mal!

Os que acham na roleta laes regalos que, sem ser este caso um caso typico, na grande giga-joga dos cavallos se sentem jockeys de concurso hippico;

Todos os que, com fé sempre frustrada —quem não tiver estas razões, recuse-as!— dão tudo, e quantos delles sem ter nada, aos proprietarios, comilões, das duzias;

aquelle que de amargas amarguras com o bater das fichas se consola, e se crê mais que as outras creaturas pelo tento subtil que põe na bóia;

o que dá banca franceza vae sentar-se sem pensar nem sentir, as mais das vezes, que os empreiteiros della, sem disfarce, decerto envergam "roupa de francezes";

os mil que é mais que certo se arrependam de um mal, —o oiro—que se não redime, em vez de leis saveras que os defendam terão a lei que delimita um crime!

Emfim. E' um criterio. Ha explicações que tudo explicam e que são de arromba, cá fico á espera das disposições que codifiquem as revoluções dando legal regulamento—á Bombá!

mesmo emprego mais dum mês e por isso, exerceu todas as profissões: foi jardineiro e guarda-livros, aviador e marçano de mercearia. Mas o que elle era principalmente era procurador, por

O FELIZ MORTAL



—Aquele pequena orfã de mãe, vae casar-se...
—Sim? E quem é o feliz mortal?
—E' o pac...

ORAÇÃO FUNEBRE



—Sabes, o Manuel, tão alegre e exuberante, está agora tão frio...
—Porquê?
—Morreu.

Curiosidades

MANEIRA DE SABER SE UM
OBJECTO É DE OURO

Para reconhecer se um objecto é de ouro, emprega-se em geral a pedra de toque e um ácido composto da seguinte maneira: 125 partes de ácido nítrico a 31.º Baumé, e 21 partes de ácido clorídrico a 20.º Baumé. Não havendo pedra de toque, podem usar-se os seguintes processos:

1.º—Esfrega-se sobre um sílex ou pedra de pederneira o objecto que se quer experimentar. Quando o sinal da fricção é bem visível, acende-se um fósforo (não de cêra) e aproxima-se a chama, o mais possível, do vestígio deixado sobre a pedra. Se o objecto é de ouro, o vestígio não desaparece; no caso contrário, desaparece.

2.º—Toca-se, com uma varêta de vidro mergulhada em ácido nítrico, o objecto em questão. Se é de ouro, este não sofre a menor alteração. Se é de cobre ou contem alguma percentagem deste metal, toma uma cor azulada ou verde.

UMA «AMERICANICE»

Há tempos, uma americana, Mrs Damberg, que viajava por França, encontrava-se em Paris, quando teve saudades do marido que ficara em Chicago. Desejou falar com elle, ouvirlhe a voz. Dirigiu-se immediatamente a um posto telefónico e pediu comunicação para Chicago. Não satisfizeram o seu pedido, pela simples razão de que não há linhas telefónicas entre Paris e os Estados Unidos. Qualquer outra mulher—ou homem!—curvar-se-hia perante a dificuldade. Mrs Damberg, não! Disseram-lhe que em Londres já poderia satisfazer o seu desejo. Dirigiu-se immediatamente ao aerodromo de Le Bourget, alugou um avião, voou até Londres, telefonou ao marido e conversou com elle durante seis minutos, tornou a subir para o avião e regressou a Paris.

A ÁGUIA SALVADORA

Há vinte e sete anos, em Janeiro de 1900, deu-se o naufrágio do navio *Resolute*, no porto de Boston. Esse barco trazia, á prôa, como enfeite, uma grande águia dourada, com os olhos esbogaçados e as enormes asas abertas. Ao dar-se o naufrágio, uma pequena que ia a bordo conseguiu salvar-se, agarrada á águia. A pequena foi apanhada por um barco e a águia lá ficou no mar. Passam-se anos, tóda a familia Brinkle—a que pertencia a naufraga do *Resolute*—conta o caso a muita gente amiga, fala-se da águia com gratidão... E, um belo dia, chega a noticia de que a uma praia de Long Island veio ter uma águia dourada, de olhos esbogaçados e as asas abertas. A mãe de miss Brinkle apressa-se a recolher o destrôco salvador, manda-o restaurar e coloca-o sobre um pedestal, á entrada da sua quinta de Paris Hill (Maine), onde todos a olham com ternura e gratidão.

SENSAÇÃO!

O novo grande exito do

«Domingo Ilustrado»

Novas quadras para o CONCURSO

Qual a costureira mais bonita?

Continuamos hoje a publicar as quadras que enaltecem a beleza das nossas costureiras gentis.

Lamentamos que a falta de espaço nos não permita inserir todas as quadras recebidas até á hora do nosso jornal entrar na maquina.

Compreendeu o publico a natureza do nosso concurso. As quadras que reclamamos devem ser exactamente assim, singelas, sem preocupações de litteratura.

A sua graça reside na espontaneidade com que são compostas e não nos primores litterarios com que pretendam atavia-las.

Podem concorrer, portanto, todos aqueles que num minuto de inspiração desejem proclamar a beleza, a graciosidade, os atractivos da

Costureira mais linda de Portugal

As quadras poderão vir acompanhadas de uma fotografia da costureira preferida, o que não impede que o «DOMINGO ILUSTRADO» envie os seus *Réporters fotograficos* aos ateliers, a fim de fixarem as expressões das COSTUREIRAS cujos encantos vão sendo celebrados no nosso Concurso.

A interessante e graciosa mademoiselle Tezeza Cardoso. (Trabalha em casa).

Por ti meus olhos tristes, cansados
Onde a paixão fez imortal moradia.
Por ti meus olhos sofrem resignados
Por ti eles choram de alegria.

Por ti me arrasto quasi moribundo.
Nesta estrada de lagrimas tão querida.
Nesta terra de martírios, neste mundo...
Por ti TEREZA eu sou a morte eu sou a vida.

JAIME LUCIO DA SILVA

A linda costureirinha Lucv Ferreira Godinho, empregada no Salão Modêlo.

Quando tu passas sorrindo,
Muito arosa e tão gentil,
Lembras uma rosa abrindo
Num doce dia de Abril.

A. SAIERA

A Olinda dos Santos. (Trabalha em casa.)

Sobre os teus dedos Olinda
Perpassam sedas e rendas
E sobre teus olhos ainda
Se v. em longinquas lendas...

MANOEL DA CONCEIÇÃO PIRES

Moreninha, um quasi nada;
Com seus olhos divinals,
Fás-me lembrar uma fada
Dos contos orientais.

XEITEIRA

Justa homenagem á beleza inigualavel de
Luisette S... Salão Mimoso.

A M.^{lle} Laurinda. (Rua da Senhora da Luz,
172—Porto).

A mais linda rosa
Que na roseira vi,
Virou-se, olhou-me,
E gostou de mim.

TOMÁS ANTUNES

A' pequena "Virginia" dos olhos grandes—
Atelier Costa Junior—Lisboa.

Teus olhos, doces estrelas
Cheias de luz pura e calma,
São duas lindas janelas
Na casinha duma alma.

J NINGUEM

A' gentil morena, Palmira de Sá, costureira
da casa Eduardo Martins.

Ó linda costureirinha
Lembra-te de mim um dia
Modifica-me a tristeza
P'ra uma nova alegria.

J. M.

A M.^{lle} Noemia (Atelier M^{me} Vale)

I
Eu adoro em ti a graça
Do teu rosto carinhoso
Não acho por mais que faça
Um outro assim tão miroso.

II
Como é doce o teu sorriso!
Que lindo sorriso o teu!
Assim devem rir por certo
Lá em cima os anjos no ceu.

III
Quando dum coração
Cupido mau e travesso
Faz a sua habitação
Vira-o logo do avesso.

IV
Se alguém falar mal de ti
No que te digo medita
Ha muita inveja no mundo
E tu és muito bonita.

V
Esta vida è muito triste
Só p'ra quem é desgraçado
Mas tristeza não existe
P'ra quem por ti for amado.

VI
Não ha nada que não canse
Tudo na vida aborrece
O desejo de te ver
Esse é que nunca fenece,

T.

A RUINA DAS
DACTILOGRAFAS

A ruina das dactilógrafas seria o bom resultado duma recente invenção americana: uma máquina diante da qual se fala e que imediatamente apresenta escritas as nossas palavras. Não sendo possível entrar em detalhes técnicos, só podemos informar que o aparelho se compõe dum transmissor de telefone que, posto em movimento pelas vibrações dos sons, transmite estes a umas fibras de aço que, por meios electricos, estão ligadas ás teclas duma máquina de escrever.

A DURAÇÃO DAS PELES

As peles atingiram preços caríssimos e por isso convem saber qual é a sua solidez e duração, para reflectirmos, com conhecimento de causa, antes de adquirirmos alguma. A lontra é das mais resistentes. Se lhe atribuirmos o número 100 como coeficiente de duração, devemos dar ao castor, 90; á marta e *vison*, 70; á zibelina, 65; á raposa natural, 40; ao *oposum*, 35; ao arminho, 25; ao *petit gris*, 20; á chinchila e á cabra, 15; ao coelho 0,5. Vê-se que a pele de coelho é duzentas vezes menos resistente ao uso do que a lontra. Vê-se também que as peles mais caras—a chinchila e o arminho—não são de grande duração.

UMA PRECIOSIDADE
DE MUSEU

Ao visitar o museu de Cluny, um jovem marceneiro de Orléans reconheceu, num movel do século XVI, uma obra que, alguns meses antes, ajudara o seu patrão a fazer. Contou isto a várias pessoas. Os peritos officiaes não lhe ligaram importância, considerando-o um mystificador. Mas appareceu o mestre marceneiro, pediu para tirar dois parafusos, voltou uma tabua e mostrou, gravada nela, a sua assinatura e a data da construção do movel. Veiu então a saber-se que o vendera por 600 francos a um «cavalheiro» que o impingira ao Estado, como autêntico, por 9 000 francos.

E tóda a gente o admirava como uma preciosidade, vinda do século XVI.

A ORIGEM DO DINHEIRO

O «Journal des Imprimeurs Suisses» publicava, recentemente, um eco bem conceituoso, onde se lia:

Henry Longfellow podia pegar numa folha de papel do valor dum décimo de real, rabiscar nela uma poesia e dar-lhe assim o valor de 5.000 dólares. Era obra duma grande intelligencia. Ford pode pegar numa folha semelhante, escrever nela algumas palavras e dar-lhe assim o valor de 1.000 000 de dólares. E' obra do capital. Um operário pode pegar num bocado de aço do valor de 3 centimos, transformá-lo em molas de relógio e ganhar umas centenas de dólares. E' obra da habilidade manual. Um negociante pode pegar num objecto que valha 30 centimos, oferecê-lo por meio de réclames, e vendê-lo por um dolar. E' obra do comércio.

JULIO de Castro teve um sobressalto e soergueu-se no leito: o sol, rectangularmente, pela estreita greta da janela, entrava numa labareda e ia decorar a oiro o papel descolorido das paredes do quarto.

—Deixei-me dormir... murmurou. Agora... agora é «que vão ser elas!» Saltou da cama e foi escutar á porta. O catalão do 72, tão agarrado sempre aos lençois, berrava já, num descuido optimista, o «couplet» de todas as manhãs.

*Baixant la font del gat
una noia,
una noia,*

*Baixant la font del gat
una noia amb un soldat*

Entretanto, Julio de Castro, em ceoulas, já com o monoculo entalado na orbita e de braços cruzados, interrogava-se a si mesmo:

—Como diabo hei de sair eu hoje? «Madame» já está a pé, com toda a certeza. Vou ter escandalo... Isto de não ter relógio é o que mais me complica a vida.

Relógio tivera-o ele e de ouro. Tinha sido oferecido pelo pai, no dia em que terminara o curso das Belas Artes. Mas já havia mais de quinze dias que repousava nos caifos do Monte Pio, onde o empenhara por quarenta francos.

Quarenta francos! Dessas quatro notas de dez, que, no momento da entrega, lhe tinham parecido uma fortuna, restavam apenas doze «scus». E era o que lhe tinha valido. Durante todo aquele tempo alimentara-se do relógio. Do relógio tinham sido os jantares de trez francos do «Tou'au beur»; do relógio era aquele «gruyère» que vinha comendo em pequenas rações diárias e que na ante-vespera se acabara.

Pobre recordação de família! Pobre relógio! Engulira-o até á ultima rodinha. Seria talvez por isso que ele sentia agora a barriga a dar horas!

—E' preciso tomar uma resolução. Aqui no quarto é que não consigo nada. Com os sessenta centimos que me restam posso comprar um pão... posso tentar as ultimas...

Sim... Tudo aquilo era belo como um sonho—mas ele estava prisioneiro, retido naquele quarto do ultimo andar do Hotel du Nord, como numa cela de penitenciario. Não porque trancas de ferro fechassem a porta; não porque aos seus pés serpenteassem as correntes dum forçado; mas porque lá em baixo o aguardava, feroz, ruidosa, intransigente, madame Dureau, a proprietaria do hotel a quem ele devia já tres semanas e a quem cem vezes enganara, impingindo-lhe com a garantia de juramentos as suas fantasias de fumador de ilusões: que de Portugal lhe deviam mandar muito dinheiro; que vendera muitos desenhos para a «Vie Parisienne», que lhe tinham encomendado umas «maquettes» para «decors» de films...

Mas a incredulidade tem limites—agora, nem a Madame Dureau se deixava vencer, quando elle sonhava em voz alta—nem Julio sentia coragem ou fantasia para urdir novas utopias. Por isso, andava vagabundando pelos «boulevards» até ás primeiras horas da

madrugada, esperando que a patrão se retirasse, para ele entrar no hotel; e de manhã, levantando-se sempre antes que ella fosse entronizar-se na sua bancaqueta da portaria, de onde pilotava o seu negocio, como uma rainha o seu reino.

Mas naquela manhã, o pouco dormir das noites anteriores tinham no aparafusado á cama—e o encontro era inevitável!

—Ora a minha vida! Ora a minha vida! choramingava Julio, com um abatimento infantil, acovardado ante aquele problema que elle tecera pelas suas mãos e que elle fazia passar as piores horas da sua existencia!

Por fim, encheu-se de coragem; endireitou-se; foi lavar-se e barbear-se, com a Gilette; vestiu-se rapidamente e avançou para a escada, num desses espasmos de pseudo-auto hipnose dos sensíveis de paladar que querem emborcar, dum só trago, um copo de Agua de Carabãa. Desceu a dois e dois—e ao chegar ao peultimo lance olhou de esguelha, na esperança ainda que Madame Dureau não estivesse no seu posto de tirana. Mas... não. Lá estava, d'oculos d'aro de tartaruga acavalados no nariz grosso, cercada por uma caravana de turistas ingleses recém-desembarcados. Apesar de todas as suas aflições, Julio, como bom português que era, não pôde esquivar-se a uma olhadela brejeira para uma «miss», mui branca e mui loira, de pupila romantica e cutis transparente, que estava proximo ao balcão da portaria.

Para ver se escapava, deu uma grande volta, mastigou um veço «bon jour» e correu para a porta. Mas bem depressa se desfizeram as suas esperanças. Não alcançara ainda o fecho da porta—e já a voz da hoteleira, energica, superior, masculinizada, gritava por elle:

—Monsieur de Castró... S'il vous plait...

O coração de Julio parecia, naquele instante, que lhe tinham dado corda. Muito palido, muito enfiado, reviravoltou-se, murmurando, com um sorriso cor de limão:

—Madame...

A hoteleira tirou os oculos, fixou nele as suas pupilas enormes de besugo cosido, e, tremendo, indagou:

—Quando é que me paga o dinheiro que me deve?

—Quando é que me paga o dinheiro que me deve?

—Quando é que me paga o dinheiro que me deve?

—Quando é que me paga o dinheiro que me deve?

—Quando é que me paga o dinheiro que me deve?

—Quando é que me paga o dinheiro que me deve?

—Quando é que me paga o dinheiro que me deve?

—Eu, madame, estou á espera que... sim... que...

Mas a Madame Dureau, dando um soco na meza, berrou:

—Assez de históries! Eu quero o dinheiro. Isto já não é divida—é um roubo. Ou me paga hoje ou eu mendo chamar um policial!

Julio não pôde mais e por entre os dentes esgureou-se uma obscenidade portuguesissima.

—Que me diz? indagou a patrão, de sobri'olho franzido.

—Digo que tem toda a razão... Mas eu vou agora ao Banco... Já lá deve estar a ordem.

—Vá onde quizer—mas eu quero o dinheiro antes da noite...

Ele saiu, dombros encolhidos, sentindo-se o S. Sebastião dos olhares de todos aqueles ingleses. Que escandalo e que vergonha!

Chegou á rua. Respirou fundo e circumvagou a vista. Para onde ir? A quem pedir protecção? Onde refugiar-se? Toda aquella estrela de aventuras que irradiava da praça pareciam-lhe estradas sem fim e a multidão que por ellas desfilava—exercido de bonecos de cera sem alma, sem nervos, sem piedade...

Por um instante fulgurou no seu espirito atormentado a ideia do suicidio. Um frio de morte o sacudiu dos pés á cabeça e os seus labios soltaram um «brrr!!!», que queria dizer que elle não era homem para se matar.

Calcurrando os «boulevards», Julio ia recordando as horas de febre e entusiasmo em que elle, lá na pacatez provinciana de Lisboa, preparara esta viagem a Paris. Os trinta anos batidos contra o gravito da vida longe repudiaram as ilusões; criavam nas maiores ainda com carinho e com docura. Menino prodigio nas Belas Artes—não conseguira nunca na vida pratica a colocação de um quadro. Filho de gente menos que remediada, mortos os pais, fôra obrigado a dedicar-se á illustração, aos cartazes, ás capas de magazines, aos figurinos de modas. Com um sentido moderno da arte e uma imaginação fertil, policroma e inquieta, fixara um estilo, agradável, remediava-se. Mas a estreiteza lisboeta, a sua monotonia, o seu ritmo absurdo, torturava-o, como um castigo. E nas mezas da «Brazileira» e do «Martinho», com um «Sourire» ou com «La Vie Parisienne» na mão, garantia aos homens—meninos da sua geração—que estava fadado para outros triunfos em outras civilizações:

—Hei de ir a Paris... Vocês verão... Num grande meio vale a pena sair vitorioso... Aqui, bate-se com a cabeça no tecto, mal se sobe a escada da arte—e afinal, para quê? Nenhuma recompensa...

E bradava depois com ar napollónico:—Hei de ganhar a batalha em Paris!!! A batalha para ele não era já a gloria, o quadro que fica para as gerações sem fim: era o dinheiro, era o boneco elegante, o cartaz bem pago; era a vida comoda, a vida com «garçoniere» fôia de coxins, com muitas amantes, «smocking» nas «premières» e férias em Deauville ou Nice.

Agravando ainda mais a situação, o feito de Julio—confessava ele agora—

—Eu, madame, estou á espera que... sim... que...

Mas a Madame Dureau, dando um soco na meza, berrou:

—Assez de históries! Eu quero o dinheiro. Isto já não é divida—é um roubo. Ou me paga hoje ou eu mendo chamar um policial!

Julio não pôde mais e por entre os dentes esgureou-se uma obscenidade portuguesissima.

«OS PORTUGUEZES DE PARIS»

TREZ MIL FRANCOS POR EZ!!!

«A original e inédita REINALDO FERREIRA

O celebre reporter nos hoje scenas da vida de Paris, que eleve desde as altas camadas aos «bas-louisdaveis». O famoso jornalista acrescenta á sua bagagem mais uma pagina de ação e de vida.

E assim viera para Paris—com os três mil francos que recebera da decoração dum club, algumas camisas, dois monoculos e um cabaz de ilusões e utopias. Ao principio, a grande capital parecia-lhe lisa como um «ring» e a sua população um oceano sedoso e calmo. Não se relacionou; procurou apenas mergulhar, o mais profundamente possível, naquelas aguas tepidas do prazer civilizado, do vicio com açucar, da alegria bem enroupada. Frequentou «cabarets», bebeu «champagne», revistou todos os theatros—e só ao trocar a ultima nota de cinquenta francos é que caiu em si e pensou que viera a Paris para se estabelecer, para trabalhar, para conseguir o triumpho monetario que a sua arte não alcançara em Lisboa. E não dera um passo, nem procurara uma recordação, não subira a escada duma revista ou dum jornal, para propor a sua bonecada.

Foi então que a cidade lisa cavou abismos e ergueu montanhas á sua volta... Foi então que aquele tranquillo oceano de gente o agitou em convulsões de tempestade... Foi então que elle viu que a cidade dos triumphadores—era a capital dos vencidos. Todos os dias desembarcavam dos mais distantes pontos da terra, homens ambiciosos, argentinos e servios, chineses e belgas, espanhóis e russos, artistas mecanicos, dactilografos e romancistas, e todos eles vinham, como Julio, desiludidos dos seus paizes e com uma bagagem enorme de esperanças, atraídos pelo iman imenso da mentira e da lenda, das facilidades de victoria da cidade da luz—e nela se queimavam.

Sim... não podia nega-lo. Em Paris tambem se vencia—mas para vencer, que voltas e espessas muralhas era necessario traspasar ou saltar? A victoria de Paris era bem a victoria definitiva, a victoria com V maiusculo, a victoria com todas as recompensas... —mas quem a alcançara? Os numero «1», os de talento e os honrados. Havia portugueses—poucos—que tinham triunfado em Paris... Mas... a que preço compravam eles essa victoria?

—Mas quem a alcançara? Os numero «1», os de talento e os honrados. Havia portugueses—poucos—que tinham triunfado em Paris... Mas... a que preço compravam eles essa victoria?

—Mas quem a alcançara? Os numero «1», os de talento e os honrados. Havia portugueses—poucos—que tinham triunfado em Paris... Mas... a que preço compravam eles essa victoria?

—Mas quem a alcançara? Os numero «1», os de talento e os honrados. Havia portugueses—poucos—que tinham triunfado em Paris... Mas... a que preço compravam eles essa victoria?

—Mas quem a alcançara? Os numero «1», os de talento e os honrados. Havia portugueses—poucos—que tinham triunfado em Paris... Mas... a que preço compravam eles essa victoria?

—Mas quem a alcançara? Os numero «1», os de talento e os honrados. Havia portugueses—poucos—que tinham triunfado em Paris... Mas... a que preço compravam eles essa victoria?

caves do Olympia. Julio fixou-a e com a sua observação monotona já não a largou.—Era a epoca em que os três mil francos trazidos de Portugal faziam ainda prodigios—e Ginette acompanhava-o, durante muito tempo, na «bambé» nocturna e nos banquetes em belos «restaurants» caros. Na necessidade imperiosa de mentir, de fantasiar, de se engrandecer, Julio tinha-se lhe apresentado como um artista snob, artista rico, artista que viajava para agumentar o «spleen» dos hiper-satisfeitos:

—Recebi dos meus pais alguns milhares de escudos e um castelo proximo de Coimbra—afirmava elle.—Has-de acompanhar-me lá um dia. Verás como eu vivo no meu país. Tenho um titulo, mas não uso. Para quê? No fundo, sou apenas um artista. Trabalho muito—mas trabalho para mim, para os meus amigos—porque, graças a Deus, o que tenho chega para viver desafogado e viajar de vez em quando...

Um dia—no dia da primeira posse—ofereceu-lhe uns desenhos coloridos já publicados numa revista de modas de Lisboa. E Ginette, fascinada, exclamou:

—Oh! mais c'est beau! C'est gentil! Depois, pratica, francesa, acrescentava:

—Porque não vendes essas obras tuas? Podias ganhar muito dinheiro. E Julio protestava. Que não! Que elle teria vergonha de si mesmo se vendesse trabalhos seus. A arte não se vende—sobretudo quando o artista era como elle, rico, riquissimo. E Ginette acreditava.

Mas o dinheiro começou a escassear—e Julio começou a esquivar-se aos encontros. Depois, suspendeu os almoços, desculpou-se com visitas urgentes. Havia já duas semanas que raramente se encontravam. Ginette andava triste—ele bem a via! Mal pensava daquela attitude, julgando-o talvez sariado e a preparar o vôo para outros horizontes. Era dolorosa a situação e tanto mais que aquella boneca infiltrava-se por completo no seu peito. Mas que fazer? Não tinha coração de lhe confessar a verdade! Quem sabe mesmo, quando ella a soubesse, se o queria como então...

Má hora era aquella—hora da saída dos «ateliers» e dos escritorios. Poderiam encontrar-se e que desculpa daria ele por não ter comparcido áquele almoço a que a convidara, havia mais de oito dias? Que desculpa daria para não a convidar, naquela manhã? Era preciso fugir... era preciso que...

...E o fim do seu pensamento suspendeu, bruscamente, a rodagem! As conchas perfumadas de duas mãos femininas tinham-lhe inundado os olhos, obrigando-o a parar.

—Trus... trus... quem é?

Era Ginette. Reconheceu-a pela voz. Afastou as mãos e voltando-se para ella sorriu-se o melhor que pôde.

—Estou muito zangada, Julio...—afirmou a manequim, a estender o labio carminado. Ha oito dias que procurei por Sua Alteza—e Sua Alteza dá-me um «lapin» diario. Não pode ser... Julio gaguejou umas explicações... Muitas visitas... Uns parentes nobres

que tinham chegado a Paris—com quem ia agora comer, ao Claridge Hotel.

—Então... nem hoje podes almoçar comigo? quizes a saber, com os olhos a brilharem de tristeza.

—Não, meu amor... Ninguem o sente

vessou o boulevard—enquanto Julio, espocado e imóvel, deixava fugir por orgulho as chaves diamantinas do paraizo...

—Covarde! Covarde!—gritou elle, depois, ao ter consciencia do que perdera!—Aguenta-te agora com as tuas mentiras! Estoira de fome e de frio! Sofre todas as miserias... E' bem feito!

Pelos olhares que havia á sua volta compreendeu que estava dando escandalo. Teve medo... Sentia brazas nas faces! Sentia lagrimas nos olhos! Sentia uma vontade enorme de chorar, de chorar com berraria, de chorar como as crianças pequenas...

Atravessou tambem o boulevard, por entre as pragas dos «chauffeurs» que elle, na sua cegueira, obrigava a produzir para não o atropelarem e, correndo sempre, gesticulando sempre, fugiu pela primeira rua transversal que encontrou. Taconeando forte, chamou a attenção de Ginette, que ia á sua frente, apressada, com medo de não encontrar lugar no «restaurant». Ao vê-lo, assim, transfigurado, as faces humidas de lagrimas, o manequim assustou-se. Fe-lo parar, apertou-lhe os pulsos e indagou, aflitivamente:

—O que é que tens, Julio? O que sucedeu? Escaldas...

—Ginette... Eu menti-te... Eu sou um covarde... Eu não sou rico... Vim para Paris para trabalhar, gastei todo o dinheiro que trazia, fui expulso do hotel, não tenho onde dormir, não comi ontem, ainda não almocei hoje...

Nos olhos de Ginette morreram, milagrosamente, aquelas luzes de melancolia que os dominavam—e um clarão alegre, feliz, brilhou, substituindo-as:

—Julio... Porque não foste franco? Esta tarde mesmo vou apresentar-te a Mr. Reduc... E vem almoçar comigo. Tenho vinte francos na carteira. Chega... Devemos ao menos abrir uma garrafa de Medoc... Não me agradeças... Porque depois... Quem vai ganhar três mil francos por mês pode ter credito de vinte... Vem, meu amor... vem. Que dia feliz, Deus meu! Que dia!

Os seus braços apertaram no contra o seio miudo e firme. Os seus labios colaram-se, num beijo triunfal—um beijo que parecia um sorriso benevolente, um sorriso de simpatia dos parisienses que corriam apressados para os «restaurants» de três francos por cabeça...

—Julio... Porque não foste franco? Esta tarde mesmo vou apresentar-te a Mr. Reduc... E vem almoçar comigo. Tenho vinte francos na carteira. Chega... Devemos ao menos abrir uma garrafa de Medoc... Não me agradeças... Porque depois... Quem vai ganhar três mil francos por mês pode ter credito de vinte... Vem, meu amor... vem. Que dia feliz, Deus meu! Que dia!

Os seus braços apertaram no contra o seio miudo e firme. Os seus labios colaram-se, num beijo triunfal—um beijo que parecia um sorriso benevolente, um sorriso de simpatia dos parisienses que corriam apressados para os «restaurants» de três francos por cabeça...

—Julio... Porque não foste franco? Esta tarde mesmo vou apresentar-te a Mr. Reduc... E vem almoçar comigo. Tenho vinte francos na carteira. Chega... Devemos ao menos abrir uma garrafa de Medoc... Não me agradeças... Porque depois... Quem vai ganhar três mil francos por mês pode ter credito de vinte... Vem, meu amor... vem. Que dia feliz, Deus meu! Que dia!

Os seus braços apertaram no contra o seio miudo e firme. Os seus labios colaram-se, num beijo triunfal—um beijo que parecia um sorriso benevolente, um sorriso de simpatia dos parisienses que corriam apressados para os «restaurants» de três francos por cabeça...

—Julio... Porque não foste franco? Esta tarde mesmo vou apresentar-te a Mr. Reduc... E vem almoçar comigo. Tenho vinte francos na carteira. Chega... Devemos ao menos abrir uma garrafa de Medoc... Não me agradeças... Porque depois... Quem vai ganhar três mil francos por mês pode ter credito de vinte... Vem, meu amor... vem. Que dia feliz, Deus meu! Que dia!

Os seus braços apertaram no contra o seio miudo e firme. Os seus labios colaram-se, num beijo triunfal—um beijo que parecia um sorriso benevolente, um sorriso de simpatia dos parisienses que corriam apressados para os «restaurants» de três francos por cabeça...

—Julio... Porque não foste franco? Esta tarde mesmo vou apresentar-te a Mr. Reduc... E vem almoçar comigo. Tenho vinte francos na carteira. Chega... Devemos ao menos abrir uma garrafa de Medoc... Não me agradeças... Porque depois... Quem vai ganhar três mil francos por mês pode ter credito de vinte... Vem, meu amor... vem. Que dia feliz, Deus meu! Que dia!

Os seus braços apertaram no contra o seio miudo e firme. Os seus labios colaram-se, num beijo triunfal—um beijo que parecia um sorriso benevolente, um sorriso de simpatia dos parisienses que corriam apressados para os «restaurants» de três francos por cabeça...

—Julio... Porque não foste franco? Esta tarde mesmo vou apresentar-te a Mr. Reduc... E vem almoçar comigo. Tenho vinte francos na carteira. Chega... Devemos ao menos abrir uma garrafa de Medoc... Não me agradeças... Porque depois... Quem vai ganhar três mil francos por mês pode ter credito de vinte... Vem, meu amor... vem. Que dia feliz, Deus meu! Que dia!

Os seus braços apertaram no contra o seio miudo e firme. Os seus labios colaram-se, num beijo triunfal—um beijo que parecia um sorriso benevolente, um sorriso de simpatia dos parisienses que corriam apressados para os «restaurants» de três francos por cabeça...



—Trus... trus... quem é?

mais do que eu... Mas são deveres... Calaram-se, sem ousar fitarem-se. Estavam na espiral dos Italianos e da Rue Richelieu. As serpentes de autos, deslizavam ininterruptamente. Fio Ginette quem rompeu o silencio:

—Sabes? Mostrei os teus desenhos a Monsieur Reduc...

—E quem é Monsieur Reduc?

—O chefe da secção de figurinos do meu «atelier»... Se soubesses!!! Ficou maravilhado. Que em Paris não havia quem os fizesse melhor... Quiz logo saber quem era o artista que os fizera e se estava livre...

Julio, despertou bruscamente da sua inercia, inquiriu, com ansiedade.

—E tu? Que lhe disseste?

—Disse-lhe que tu desenhavas por snobismo, que não precisavas nem queiras trabalhar... «E' penal»—respondeu-me Mr. Reduc.—Podia contralo... Davalhe três mil francos por mês... e ficava-me de graça!...

Três mil francos por mês! Era o triumpho! Era a victoria! Era nunca mais ter fome, nem ver, na aproximação da noite, a ameaça do relento, perigo do sono pelos bancos dos jardins... Mas tinha elle ouvido bem? Seria sonho? Seria uma das suas fantasias? A voz de Ginette erguia-se de novo, sacudindo-o, convencendo-o:

—Que pena que tu sejas rico e que não precisas de ganhar a vida. Que felicidade seria para mim ter-te sempre ao meu lado, no «atelier» e fora do «atelier». Assim, sou obrigada a ir comer o meu modesto almoço de três francos—enquanto tu te vais banquetear ao Claridge...

E recordando uma frase de folhetim, exclamou:

—O dinheiro nem sempre torna os homens venturosos, não é verdade? Julio, entorpecido, irresoluto, sem a coragem da confissão, que o libertaria para sempre da miseria, murmurou apenas:

—E' verdade! Se eu não fosse rico, aceitaria esse lugar...

—Mas deve ser tarde... Adeus Julio... —Adeus, Ginette...

E ella esvoaçou pelo passeio, atra-

vessou o boulevard—enquanto Julio, espocado e imóvel, deixava fugir por orgulho as chaves diamantinas do paraizo...

—Covarde! Covarde!—gritou elle, depois, ao ter consciencia do que perdera!—Aguenta-te agora com as tuas mentiras! Estoira de fome e de frio! Sofre todas as miserias... E' bem feito!

Pelos olhares que havia á sua volta compreendeu que estava dando escandalo. Teve medo... Sentia brazas nas faces! Sentia lagrimas nos olhos! Sentia uma vontade enorme de chorar, de chorar com berraria, de chorar como as crianças pequenas...

Atravessou tambem o boulevard, por entre as pragas dos «chauffeurs» que elle, na sua cegueira, obrigava a produzir para não o atropelarem e, correndo sempre, gesticulando sempre, fugiu pela primeira rua transversal que encontrou. Taconeando forte, chamou a attenção de Ginette, que ia á sua frente, apressada, com medo de não encontrar lugar no «restaurant». Ao vê-lo, assim, transfigurado, as faces humidas de lagrimas, o manequim assustou-se. Fe-lo parar, apertou-lhe os pulsos e indagou, aflitivamente:

—O que é que tens, Julio? O que sucedeu? Escaldas...

—Ginette... Eu menti-te... Eu sou um covarde... Eu não sou rico... Vim para Paris para trabalhar, gastei todo o dinheiro que trazia, fui expulso do hotel, não tenho onde dormir, não comi ontem, ainda não almocei hoje...

Nos olhos de Ginette morreram, milagrosamente, aquelas luzes de melancolia que os dominavam—e um clarão alegre, feliz, brilhou, substituindo-as:

—Julio... Porque não foste franco? Esta tarde mesmo vou apresentar-te a Mr. Reduc... E vem almoçar comigo. Tenho vinte francos na carteira. Chega... Devemos ao menos abrir uma garrafa de Medoc... Não me agradeças... Porque depois... Quem vai ganhar três mil francos por mês pode ter credito de vinte... Vem, meu amor... vem. Que dia feliz, Deus meu! Que dia!

Os seus braços apertaram no contra o seio miudo e firme. Os seus labios colaram-se, num beijo triunfal—um beijo que parecia um sorriso benevolente, um sorriso de simpatia dos parisienses que corriam apressados para os «restaurants» de três francos por cabeça...

—Julio... Porque não foste franco? Esta tarde mesmo vou apresentar-te a Mr. Reduc... E vem almoçar comigo. Tenho vinte francos na carteira. Chega... Devemos ao menos abrir uma garrafa de Medoc... Não me agradeças... Porque depois... Quem vai ganhar três mil francos por mês pode ter credito de vinte... Vem, meu amor... vem. Que dia feliz, Deus meu! Que dia!

Os seus braços apertaram no contra o seio miudo e firme. Os seus labios colaram-se, num beijo triunfal—um beijo que parecia um sorriso benevolente, um sorriso de simpatia dos parisienses que corriam apressados para os «restaurants» de três francos por cabeça...

—Julio... Porque não foste franco? Esta tarde mesmo vou apresentar-te a Mr. Reduc... E vem almoçar comigo. Tenho vinte francos na carteira. Chega... Devemos ao menos abrir uma garrafa de Medoc... Não me agradeças... Porque depois... Quem vai ganhar três mil francos por mês pode ter credito de vinte... Vem, meu amor... vem. Que dia feliz, Deus meu! Que dia!

Os seus braços apertaram no contra o seio miudo e firme. Os seus labios colaram-se, num beijo triunfal—um beijo que parecia um sorriso benevolente, um sorriso de simpatia dos parisienses que corriam apressados para os «restaurants» de três francos por cabeça...

—Julio... Porque não foste franco? Esta tarde mesmo vou apresentar-te a Mr. Reduc... E vem almoçar comigo. Tenho vinte francos na carteira. Chega... Devemos ao menos abrir uma garrafa de Medoc... Não me agradeças... Porque depois... Quem vai ganhar três mil francos por mês pode ter credito de vinte... Vem, meu amor... vem. Que dia feliz, Deus meu! Que dia!

Os seus braços apertaram no contra o seio miudo e firme. Os seus labios colaram-se, num beijo triunfal—um beijo que parecia um sorriso benevolente, um sorriso de simpatia dos parisienses que corriam apressados para os «restaurants» de três francos por cabeça...

—Julio... Porque não foste franco? Esta tarde mesmo vou apresentar-te a Mr. Reduc... E vem almoçar comigo. Tenho vinte francos na carteira. Chega... Devemos ao menos abrir uma garrafa de Medoc... Não me agradeças... Porque depois... Quem vai ganhar três mil francos por mês pode ter credito de vinte... Vem, meu amor... vem. Que dia feliz, Deus meu! Que dia!

Os seus braços apertaram no contra o seio miudo e firme. Os seus labios colaram-se, num beijo triunfal—um beijo que parecia um sorriso benevolente, um sorriso de simpatia dos parisienses que corriam apressados para os «restaurants» de três francos por cabeça...

—Julio... Porque não foste franco? Esta tarde mesmo vou apresentar-te a Mr. Reduc... E vem almoçar comigo. Tenho vinte francos na carteira. Chega... Devemos ao menos abrir uma garrafa de Medoc... Não me agradeças... Porque depois... Quem vai ganhar três mil francos por mês pode ter credito de vinte... Vem, meu amor... vem. Que dia feliz, Deus meu! Que dia!

Os seus braços apertaram no contra o seio miudo e firme. Os seus labios colaram-se, num beijo triunfal—um beijo que parecia um sorriso benevolente, um sorriso de simpatia dos parisienses que corriam apressados para os «restaurants» de três francos por cabeça...

—Julio... Porque não foste franco? Esta tarde mesmo vou apresentar-te a Mr. Reduc... E vem almoçar comigo. Tenho vinte francos na carteira. Chega... Devemos ao menos abrir uma garrafa de Medoc... Não me agradeças... Porque depois... Quem vai ganhar três mil francos por mês pode ter credito de vinte... Vem, meu amor... vem. Que dia feliz, Deus meu! Que dia!



—Menino Simão, que idade terá em 1974 uma pessoa que nasceu hoje? ... Parado, sr. professor, do sexo masculino ou feminino? ...

VARIA



Secção dirigida por VISCONDE DA RELVA

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser enviada para
a Americo J. L. Coelho—Rua D. Pedro V, 18—LISBOA

Apuramento do N.º 139

DECIFRADORES

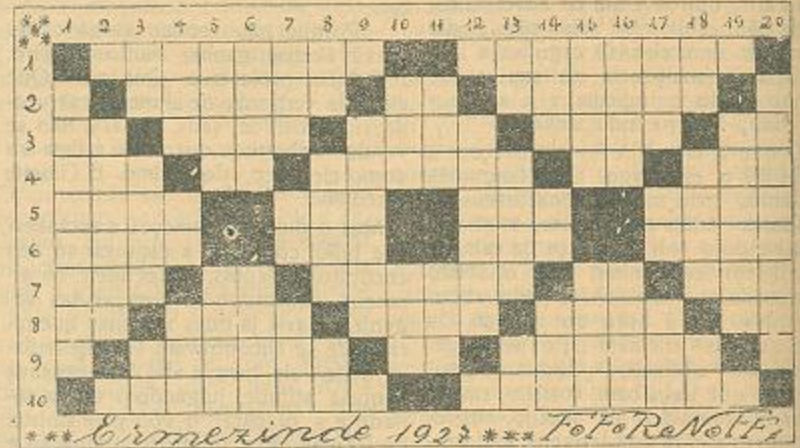
EOIPO IGNOTO.

DECIFRAÇÃO 3

HORIZONTAIS.—1 Pamposto. 2 sabaot, sê-
3 mara, note. 4 es, im, mu. 5 al, uxi, po. 6 atã-
násia, aza. 7 loio, ss, ob. 8 nó, trair. 9 ar, linda,
oite. 10 za, ache, altu. 11 oa, tremor. 12 arxar,
por, osot. 13 reus, tonel. 14 Mérop. 15 ostais.
16 ousas. 17 aca. 18 donear. 19 genetiáico. 20
quilo, puros. 21 Spartanus.

larga e carnuda da perna da réses; a pátria. 5
polido (inv.); decifras; período; «vila de Por-
tugal». 6 caixilho de ferro em que os tipógrafos
apertam as fôrmas da impressão; mas; «homem»;
arrecera (inv.). 7 acrescente; «interjeção»;
aborrecera; coisa insignificante; donde. 8 incumbe;
estilo; recurso; pancadaria; bebere. 9 precaução;
contração de preposição com artigo; «vestido de luto».
10 negligente; triste.

VERTICAIS.—1 Atraído. 2 riso. 3 «batrá-
quios»; Sacerdotes Muçulmanos (inv.); «nota».
4 submeta; « batraquão»; créditos. 5 corro;
cavalo pequeno, elegante e leve. 6 tornei a ler
(inv.); palmeiras. 7 casco; «tecido finissimo»;
estreita. 8 uma (inv.); sem mistura; «nota»
(inv.). 9 nivelada. 10 maior; irrita. 11 intimo;
alo. 12 arraza. 13 «serra»; desconfiado; duas
letras de «néne». 14 pertencia; «interjeção».



VERTICAIS.—1 Razoar. 2 aal, ra, re, gg. 3
mellon, exul, adeus. 4 sas, aiola, as oconip. 5
par, uno, icor, mó, anela. 6 abaixa, unha, teso,
etor. 7 uma, miss, de, Portugal. 8 poa, isca,
taboas, ripa. 9 oi, mea, arrepiar, aum. 10 nu,
atole, ss, acru. 11 pa, ritmo, oos. 12 osteozoari-
os, 13 ee, abieiro.

depois. 15 quatro letras de «bispo»; desem-
barca. 16 «sarrafo»; aroma. 17 «era» (inv.)
grande quantidade; «causa». 18 coisa insigni-
ficante, «con telação do Norte»; «comida». 19
o esposo. 20 «trapaça».

CORRESPONDENCIA

PROBLEMA DE HOJE

HORIZONTAIS.—1 Indigenas dos Sul da
India e do Norte de Ceilão, que tem os olhos
normalmente constituídos. 2 atascou; «nota»;
«homem». 3 vácuo; «mar»; «cidade da Itália»;
«insígnia heráldica»; «cânhamo da Índia». 4
«notas»; «rio da Tartária»; brêjeira; parte mais

«Capitão Boche».—Já tinhamos dado com
os dicionários que agora nos indicou. Conres-
peito ao resto são fantasias. Duas pessoas
distintas e uma só verdadeira... Mas não se
incomode, porque temos por cá mais nas
mesmas circunstâncias... O seu problema sai
no proximo numero.

MOVEIS

Casa de jantar estilo inglez. 1:700\$00
Quarto para casal desde. 1.500\$00
Estilo inglês, maciços 2.600\$00
Salas de visi as desde. 500\$00
Escritorios desde 800\$00
Cofres genero inglez desde 1.000\$00

e mais artigos desermanados, estofos, carpetes,
etc.

M. Lopes Coelho, Brito, Limitada

R. da Atalaia, 71 e 109

TELEFONE 287 T

SECÇÃO CHARADISTICA

N.º 7
6.ª SÉRIE

SOB A DIRECÇÃO DE
VISCONDE DA RELVA

9
OUTUBRO
1927

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser enviada para
a Americo J. L. Coelho—Rua D. Pedro V, 18—LISBOA

Apuramento da 5.ª série
(12 Numeros)

PRODUÇÕES PUBLICADAS 105

DECIFRADORES

AFRICANO, D. OALENO 105
DROPE 141
D. SIMPATICO 158

Frangerque, 79—Renandof, 67—Gadurama, 56—Euristo,
25—Figaro, 25—Viriato Simões, 29—Dália Lagomar,
17—Idília, Spartanus, 14—Jamegal, 11—Damlá, 10—
Pausanias, Reirab, 5—Amoedorel, 4—Marianita, Vis-
conde da Relva, 3—Bixo Knhoto, 2—Anêle, Auledo,
Foforonoff, Pato Bigas, Pinto Leite, 1.

CLASSIFICAÇÃO DOS DECIFRADORES

1.ª CATEGORIA com mais de 90 %o

AFRICANO, D. OALENO

2.ª CATEGORIA com mais de 75 %o

DROPE, D. SIMPATICO

3.ª CATEGORIA com mais de 50 %o—5 em concorrentes

Campião

O título de Campião de Decifradores desta série terá
sorteado pela Loteria da Santa Casa da Misericórdia do
proximo dia 15, entre os deis decifradores concorrentes;
cabendo a tal a um 4350 números pela ordem por
que estão acima designados.

Produtores

F. Dite, D. Simpatico, Renandof, 10 produções—Franger-
que, Jamegal, 9—Africano, Visconde da Relva, 8—
Bixo Knhoto, Saturno, 7—Anêle, Bagulho, Uis, 6—
Dropé, 5—D. Oaleno, Euristo, Ordigos, Rei-Pera, Três
Peregrinos, 4—Dots, Principiantes, Foforonoff, Mané
Beirão, Marianita, Mindogols, Spartanus, 3—Aviardo,
Castroiva, D. Vasco, Gabi, Pato Bigas, Raxalas, 2—
Anêlo, Auledo, Coltar, Camarão, Dr. Fantasma, Eldete
Trino, K. Valette, Matato, Orlando-o-Paladino, Pausa-
nias, Vasco dias, Velhinho, Vergiliotas, Viriato Simões 1.

Classificação dos produtores

RESULTADO DAS VOTAÇÕES

JAMEGAL	2 quadros com 12 votos
FRANGERQUE	2 » » 5 »
ORDIGOS	1 » » 4 »
MATUTO	1 » » 3 »
REI-PERA	1 » » 3 »
UIS	1 » » 3 »
VELHINHO	1 » » 3 »
D. SIMPATICO	1 » » 1 »
EURISTO	1 » » 2 »
VERGILIOTAS	1 » » 2 »

Outras votações

Bagulho, Euristo, 5—D. Simpatico, Uis, Visconde da
Relva, 4—Jamegal, 3—Africano, Anêle, Bixo Knhoto,
Marianita, Viriato Simões, 1.

Campião

O título de Campião de Produtores desta série per-
tence ao distincto charadista JAMEGAL, cuja fotogra-
fia será publicada num dos proximos numeros.

QUADROS DE DISTINÇÃO

CONFERIDOS POR SORTEIO

O Quadro de Distinção do n.º 8, sorteado pela Lot-
teria de 10 de Setembro, e os dos n.ºs 11 e 12, sorteados
pela Loteria da 1.ª corrente, cauberam respectiva-
mente a VELHINHO, FRANGERQUE e D. SIMPA-
TICO.

ERRATAS DO N.º 6

Na charada n.º 3, o ultimo verso deve ler-se:

Mas era tuia sonho.. sonho vlot...

Na charada n.º 6, a primeira parcial é punge

Na charada n.º 17, r é a primeira parcial.

ACADEMIA CHARADISTICA PORTUGAL-BRASIL

No preterito dia 2 do mês corrente foi fundada em
Lisboa uma agremiação charadistica que, em homra-
gem aos lustris edipistas brasileiros se denomina Aca-
demia Charadistica Portugal-Brasil.

Propõe-se esta colectividade cultivar e difundir a sub-
lime arte de «Oedipo», tendo sido seus fundadores 22
dos mais abalizados charadistas.

Segundo um dos artigos estatuintes, não poderão ser
seccios efectivos ou cooperadores da A. C. P. B. os
charadistas que estejam filiados noutras agremiações
congeneres existentes em Lisboa.

Os corpos gerentes estão assim constituídos.

Mesa da As emblias Geral—Presidente, Jose Tonante;
1.º Secretario, D. Simpatico; 2.º Secretario, Dr. Griffis.
Direcção—Presidente, A. D. Medra; 1.º Secretario,
Visconde da Relva; 2.º Secretario, Rei-Pera; Tesoureiro,
Edioo; Vogal, Rei de Tebas.

Conselho Fiscal—Presidente, Africano; Secretario, D.
Oaleno; Relator, Art Alves.

E' delegado da Academia Charadistica Portugal-Bras-
il junto do Gramo Edipista Lusitano, do Porto, dis-
tincto charadista Apolo.

Toda a correspondencia relativa á A. C. P. B. deve
ser enviada á Calçada do Duque 25, 1.º, onde estão
instaladas as suas salas de expediente.

CHARADAS EM FRASE

(Ao dignissimo Director charadistico de «O Domingo
Ilustrado)

1. Viva o lux! Com que entio, o amigo está á testa
duma secção charadistica! Fizeram boa escolha, visto
não se tratar de um charadista inexperiente.—2-1.

Lisboa

AFRICANO (A. C. P. B.)

(A' illustre confrada «Mamego»)

2. Em eu estando a brincar com o meu gatinho, vem
logo a mamã para o espantar.—1-2.

Cascais

(Ao Pato Bigas)

ANELE

3. O confrade sabe dizer-me qual é a «espécie de
dama espanhola» que produz «inconvenientes de nos fa-
zer odiar aquilo q se morre desterrado da Patria?—2-1.

Lisboa

BRITABRANTES (A. C. P. B.)

(A um pretencioso)

4. Saporiei tudo com calma, pois é na indiferença
onde um homem demonstra ter-se tornado forte.—2-1.

Lisboa

DR. GRIFO (A. C. P. B.)

5. Neste caso, os bens datals que, por contrato, o nô-
vo assegura á esposa, constam apenas de um p-rc e um
aparêlho volante da rede de arrastar.—2-1.

Lisboa

DR. DA MULA RUÇA

(Aparando as qualidades charadisticas do «Dr. Gryffo»)

6. O amigo foga remoque a minha pessoa, sem pena,
dedicando-me uma charada com 18 linhas, porque é in-
justo. Ou terá, involuntariamente, motjado de você?—
4-1.

Dafundo

D. SIMPATICO (A. C. P. B.)

7. Fazer movimentos ao ver uma «arvore», só dum tipo
opstermado.—2-2.

Lisboa

D. VASCO

8. A minha convênção involuntaria na «burla» causou-me
uma grande «ameçida».—3-1.

Coimbra

FRANGERQUE

9. Aquele enciclopedia tem a forma de um compendio
—1-2.

Barcelona

PATO BIGAS (A. C. B. P.)

10. O uso do álcool é o grande erro do homem.—2-1.

Lisboa

PAUSANIAS

11. A pequena constelação meridional é o trecho esco-
lhido para exercicio stellar, segundo se a descreção do
preceptado esc-ro que se, orna gradualmente nas dissolu-
ções dos extractos vegetals.—2-2.

Lisboa

ROSA DO ADRIO

VARIA

UMA PRINCESA LOUCA

DAMAS

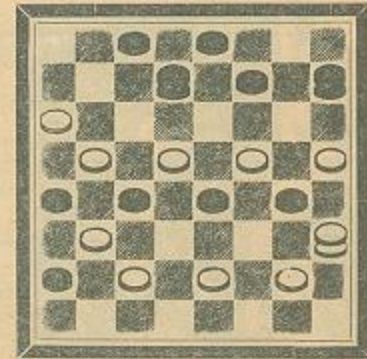
Solução do problema n.º 136

	Branças	Prezas
1	24-27	31-24
2	13-6	1-10
3	3-8	15-4
4	32-28	22-15
5	2-11	15-8
6	12-16	19-12
7	28-19-30-21-4-3	

Qanha

PROBLEMA N.º 137

Prezas 2 D e 8 p



Branças 1 D e 9 p.

As Brancas jogam e ganham.

O problema brinca publicado foi nos enviado pelo conhecido amador sr. Armando Machado (Ilhavo).

ESTABELECIMENTOS DE ENSINO

Os estudantes da Capital começam a interessar-se pelas notícias publicadas em alguns jornais acerca dum novo estabelecimento de ensino na Avenida Marquez de Tomar—Colégio Luzo-Guineense, para o qual foram escolhidos professores com pratica nas melhores Escolas Portuguezas.

Com o empenho e esforço dos deus Ilustres Directores, Sr. Dr. Artur Marquez Ferraz Franco e Sant'Ana Junior, por uma obra tao util como necessaria á Instrução Nacional.

MOSAICOS

A maior produção de Portugal
Os de melhor fabrico

GOARMON & C. A

A maior fabrica do pais
Escritório:

Travessa do Corpo Santo, 17, 19
e 21 — Rua do Corpo Santo, 32
LISBOA

Azulejos—Louças sanitarias Cimentos

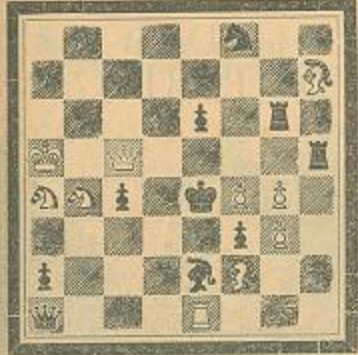
OUTROS MATERIAIS DE
CONSTRUÇÃO

Pedir catalogo e preços
Telefone C. 1442

XADREZ

A correspondencia sobre esta secção pode ser dirigida a Perelra Machado, Oremia Literaria, Rua Ivens, n.º 37
N.º 143—PROBLEMA

Por A. Hillerman—Mandat N.º 5—Setembro 1927)
Prezas (10)



Branças (10)
Mate em 2 lances

Solução do problema n.º 142
[Mises]
1 D e 1-b 1

Compenzo da manô: A 4.ª e 5.ª e a 6.ª partidas do match. O patinista Alekhine foram empatadas. A solução ficou para: Capablanca, Alekhine 1, empatas 4.

«O Academico»

CURSOS LICEAES
LINGUAS Instrução Primaria
Directores: — Dr. Avelino de Figueiredo
Capitão J. Pedro da Silva
N. do Almada, 53, 3.º — Tel. C. 1730

VINDES A LISBOA? HOSPEDAL-VOS NO Lisboa Pension Hotel

CALÇADA DA GLORIA, 17
A' Avenida da Liberdade
junto ao Fallô Foz. Prezio todo Telephone N. 3499
LISBOA

Instalações de 1.ª ordem—Cosinha
4 portugueza e franceza

Material Radioelectrico

GRAMOPHONES
DISCOS «EDISON BELL»
para Jazz Band
RADIO - LISBOA, L. DA
Rua Sampa Pinto, 7— LISBOA

DIZ a Historia que a unica filha dos Reis Catolicos, Fernando e Isabel, os promotores da unidade da Espanha, foi uma princesa que nasceu inteligente e, com o correr dos tempos, enlouqueceu. A mesma Historia designa-a pelo epíteto sonoro e lígubre de «Joana a Louca».

Os modernos historiôgrafos espanhóis teem-se empenhado—apenas por amor á verdade, porque o caso não tem um interesse capital em



Retrato autêntico de Joana, a Louca, com trajo da côrte de Borgonha.

reis católicos. Quando a princeza foi ter com elle á Flandres, disseram-lhe que seu esposo tinha «uma amiga muy hermosa e muy querida de él.» Imediatamente, como uma leão ferida, Joana foi junto dessa mulher e mandou que lhe rapassem o cabeça, para assim a desfigurar. Depois, caiu de cama, semi-louca de furor. Mais tarde, ella própria, numa carta que é o mais claro testemunho da tua lucidez, se refere a este episodio, dizendo: «Se em alguma cousa eu usei de paixão e deixei de ter o estado pue convinha á minha dignidade, notorio é que não foi outra a causa senão ciumes, e não só se encontra em mim esta paixão, mas a Rainha mi ha senhora, a quem Deus tenha em glória que fôí tao excelente e escolhida pessoa no mundo, foi assim mesmo ciumenta; mas o tempo sanou a Sua Alteza como prazera a Deus que me sare a mim.» Estas palavras não são duma louca: mas duma grande amorosa.

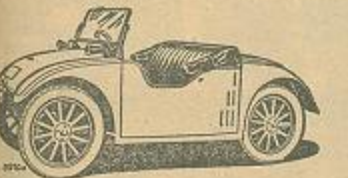
Filipe procura, a todo transe, que Joana seja oficialmente reconhecida como demente e incapaz de governar. As côrtes do reino encontram-se reunidas em Valladolid, mas a idéa do principe não encontrou nelas um eco propicio. O almirante de Castela, acompanhado pelo conde Benavente, encarrega-se de ir a Mucientes entrevistar a rainha e averiguar o que há de verdade sobre o seu estado. Os dois emissários vão encontrar a sua soberana sózinha, junto duma janela, numa sala escura, vestida de negro, com a cabeça quasi oculta numa especie de capuz. Depois de passarem vários dias em Mucientes, depois de falarem várias vezes com a pseudo louca, reconhecem que ella «nunca respondeu cousa que fôse desacertada.» O almirante faz saber a Filipe, o Belo, que as côrtes não permitirão a clausura de D. Joana e que tenha cuidado em não sair de Mucientes sem a esposa. O ambicioso principe curva-se aos votos da nação e parte, com Joana, a caminho de Valladolid. Vão ambos tristes como a noite. Elle vai ferido nas suas ambições e no seu orgulho. Ella transporta o seu amor sempre vivo e sempre agonizante.

Quatro meses depois um estranho cortejo perc rria de novo os campos de Castela, dirigindo-se para Tordesillas. Nesse cortejo figurava Joana, a Louca, levando consigo o féretro de seu esposo, morto sublimante em consequência da sua vida de excessos de toda a ordem. Só de noite caminham, e quando, todos os dias, o cortejo faz alto, a Rainha manda abrir o ataude, descalça os pés do morto e beija-os apaixonadamente, com toda a ternura que foi acumulando e que elle não lhe permitiu manifestar. Na igreja do mosteiro de Santa Clara, em Tordesillas, durante muitos anos, Joana, a Louca— agora talvez verdadeiramente louca de saudade—velou o cadaver do principe formoso como o sol que, como um sol tropical, queimou a sua existencia e despertou toda a energia amorosa do seu coração virgem.

provar que a filha de Fernando e Isabel não foi uma demente e apenas sofreu dum horrivel mal de amor: o de ser treme: da e justamente ciumenta do esposo que as conveniências politicas lhe impuzeram: o garboso Filipe, o Belo, da casa de Austria.

Avivemos a memoria de quem conhece o caso. Por morte de Isabel, a Católica (26 de Novembro de 1504), Joana herdou o reino de Castela, sob a regencia de seu pai. Já nessa altura estava casada com Filipe, o Belo, que não deixara escapar o vantajoso «partido» que era a herdeira unica dos reis de Castela e Aragão. Filipe desautorizou o sogro e começou governando em Castela, maltratando e enganando a mulher, enclausurando-a no palacio de Mucientes e fazendo a tocar quasi as raças duma loucura provocada pelos mais ferozes ciumes.

O principe, que era «formoso como o sol», já viera passar em Mucientes, no palacio senhorial que tem a seus pés o árido planalto de Castela, a sua lua de mel que no dizer das más linguas, fôra o menos terna possível. Filipe, o Belo, só oficialmente se unira á filha dos



Hanomag

O carro mais barato

O CARRO MAIS ECONOMICO
4 LITROS AOS 100 KILOMETROS

Representantes para Portugal e Colonias:

V.ª Ferrão, L.ª

L. Conde Barão, 27-30

CASA VELOCIPEDICA

DE José Antonio de Magalhães

Bicicletes, Motocicletes, Pneus de moto, Pneus de bicicletas, Camaras d'ar, Acessorios de bicicletas, Oficina de reparações, Acessorios para motos Arley e Indian, Artigos de «Foot Ball».

LARGO DA ANUNCIADA, 18—LISBOA

Hotel Restaurant Bela Vista

RUA S. PEDRO D'ALCANTARA, 51 a 55

Ceias toda a noite

QUADROS COM LINDA VISTA PANORAMICA

Esmerado serviço de cosinha

Gerencia a cargo de: José Eduardo Rodrigues

RECEBEM-SE COMENSAS

actualidades graficas

O CAMPEONATO DE NATAÇÃO DA FRANÇA

A TOURNÉE ILDA STICHINI



A ilustre artista Ilda Stichini que regressou a Lisboa com a sua companhia após a sua triunfal tournée á provincia, assiste a um concerto radiotelefónico em Castelo Branco, no decurso de uma festa que lhe foi oferecida pela officialidade ali aquartelada.



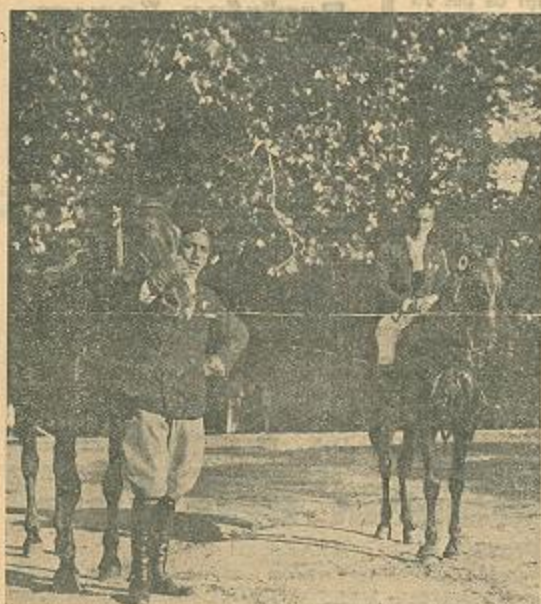
Um triplice salto emocionante de Lenormand, Vincent e Mad. Lenormand.

AS BELAS VIVENDAS DE PORTUGAL



Interessante vivenda do Snr. Manuel Dias Sancho, na sua propriedade da Fonte da Pipa (Loulé) Faro.

AS FESTAS DE SINTRA



Os vencedores do concurso hipico, Ex.^{mas} Srs. José Manuel, 1.º classificado, á direita, e Alberto Marques, 2.º classificado, á esquerda.

OS NOSSOS CINZELADORES



A atestar o valor do artifice portuguez, estão os trabalhos expostos na Ourivesaria J. M. & Pedro Fraga, rua da Palma, 82, que rivalizam com os das principais casas do paiz. A gravura acima reproduz um specimen de alto valor artistico.

1.º CONCURSO DE TIRO DE LISBOA



«Grupo Patria» vencedor do campeonato das Sociedades de Tiro.

PUBLICIDADE

Sabão Simão

(Sabão crême desengordurante)

Não tem rival — Útil em todas as casas

Excelente para limpeza de marmores, esmaltes, alumínio, metais, vidros, etc. O melhor desengordurante para limpeza de mãos. — Útil em todas as oficinas e garagens.

TELEFONE C. 641

Casa Palissy Galvani

Guilherme F. Simões
LIMITADA



COLOCAÇÕES

E reparações de campainhas electricas, telefones e pára-raios

Preços sem competencia

LUZ ELECTRICA

Deposito de todos os aparelhos da sua especialidade

Descontos aos revendedores

13. RUA SERPA PINTO, 15 — LISBOA

COLEGIO VASCO DA GAMA

Travessa das Freiras (a Arroios), 2 — (Lisboa-Norte)

Telef. N. 2145

End. telegrafico: CCLIGIO LISBOA

Recomendado pela Delegação de Saude—Diplomas de Honra do Ministerio da Instrução Publica—O primeiro estabelecimento particular de educação e ensino do País

INTERNATO—SEMI-INTERNATO—EXTER-NATO. Classe infantil, instrução primaria, curso completo dos letres (Ciencias e Letras), curso Commercial, curso Geral de Agricultura e ensino e reconhecimento de Utilidade Publica pelo Governo. Educação Moral, Intellectual, Esthetica e Physical e todos os desportos. Convidam-se os encarregados da educação a visitar as instalações do Colegio, para directamente examinarem as suas condições e agirem em conformidade das vantagens pedagogicas, higienicas e disciplinares, ministradas aos alunos.

12 anos de brilhantes resultados literarios e educativos

OS DIRECTORES

Padre Antonio M. na l da Silva Pinto Abreu
Sr. Luis Gonçaga da Silva Pinto Abreu
Dr. Alberto Carneiro de Mesquita

AUTOMOBILISTA

160, Rua Alves Correia, 160



LIMITADA

LISBOA

Sempre o maior sortimento de accessorios para automoveis

PRONTA EXECUÇÃO NOS PEDIDOS DA PROVINCIA

PREÇOS DIMINUTOS

End. telegrafico: AUTOMOBILISTA

Telef. 4218 Norte

Instituto «DELTA» Edificio do Ateneu Commercial de Lisboa

RUA EUGENIO DOS SANTOS

Director: — ANTONIO TEIXEIRA FERREIRA

Está aberta a inscrição de alunos de ambos os sexos para o curso completo dos liceus e curso de Educação Física (Gimnastica, natação, Linguagem, Natação, Water-Pol e qualquer outro genero de Sport) orientado tecnicamente e para a preparação de Peres Murmelos.

Este INSTITUTO dá a maxima garantia aos pais, levando todos os anos os seus alunos a exame, classe por classe a qualquer lieu do país e restituindo a gratuidade, incluindo o dinheiro da propina, caso o aluno fique reprovado.

Só se recebem alunos externos e para mais esclarecimentos dirigir-se pessoalmente ou por carta ao Director do Instituto.

HOTEL LUSO-ITALIANO

PAREDE

(LINHA DE CASCAIS)

ABERTO TODO O ANO
SERVIÇO DE RESTAURANT—CHAS
Constantino Molle

Sousa, Lopes & C.ª L.ª

OPERAÇÕES BANCARIAS

Correspondentes dos principais Bancos e casas bancarias do País, Exportação de Frutas, para todos os mercados da Europa e Brasil. Cereais, Legumes e Palhas.

ENDEREÇO TELEORAFICO: — «ZALOPES»

VILA FRANCA DE XIRA

GRANDE RESTAURANT

«CABARET D'ALGÉS»

(As Portas d'Algés)

DE

Fernandes & Fernandes, L.ª

Esmerado serviço de cozinha

Serviço Permanente

GABINETES RESERVADOS

V. Ex.ª quer vestir com elegancia e economia?... vista-se na



CAMISARIA — GRAVATAS

SUSPENSORIOS LIÇAS

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Talco «GABRIELA»

Caixa grande, bonita apresentação, Esc. 3\$80

Pó dentifrico «GABRIELA». Faz desaparecer a carie e o mau habito. Caixa, Esc. 1\$50.

Loção «GABRIELA»

Não mais caspa. Frasco, Esc. 9\$0

Pó de arroz «GABRIELA». O unico que na realidade adere.

Descontos a revendedores.

PERFUMARIA ELITE, Largo do Calhariz, 18 (Palacio Azambuja)

NORTE 4991

é o numero do telefone da Loja Infantil aonde está um saldo fim de estação de todas as especialidades desta casa, com 60 e 70 o/o de abatimento 114, ROSSIO, 115 Susano & Pinto, L.ª

Motos INDIAN

MODELOS 1928

A CHEGAR A PRIMEIRA REMESSA

J. J. GONÇALVES, Succesores

RUA RODRIGUES SAMPAIO, 90—LISBOA

Ser elegante e economico!
Eis a questão.

Para isso basta vêr tecidos e preços na Casa GOMES, FERNANDES & FERREIRA, L.ª ALFAIATES-CAMISEIROS

RUA DA ESCOLA POLITECNICA, 65 A 71

FUNERAES

TELEF. 1094 N.

DOS MAIS SIMPLES AOS
MAIS LUXUOSOS

TRASLADAÇÕES
PARA TODOS OS CEMITERIOS,
PROVINCIA, ETC.

PREÇOS REDUZIDOS

URNAS,
ARMAÇÔES,
COROAS, ETC.

SERVIÇO PERMANENTE

MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO

131. R. DOS ANJOS, 133

RESIDENCIA:
RUA DOS ANJOS, 139, 2.º E.

LISBOA

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

O DOMINGO

ilustrado

ASSINATURAS

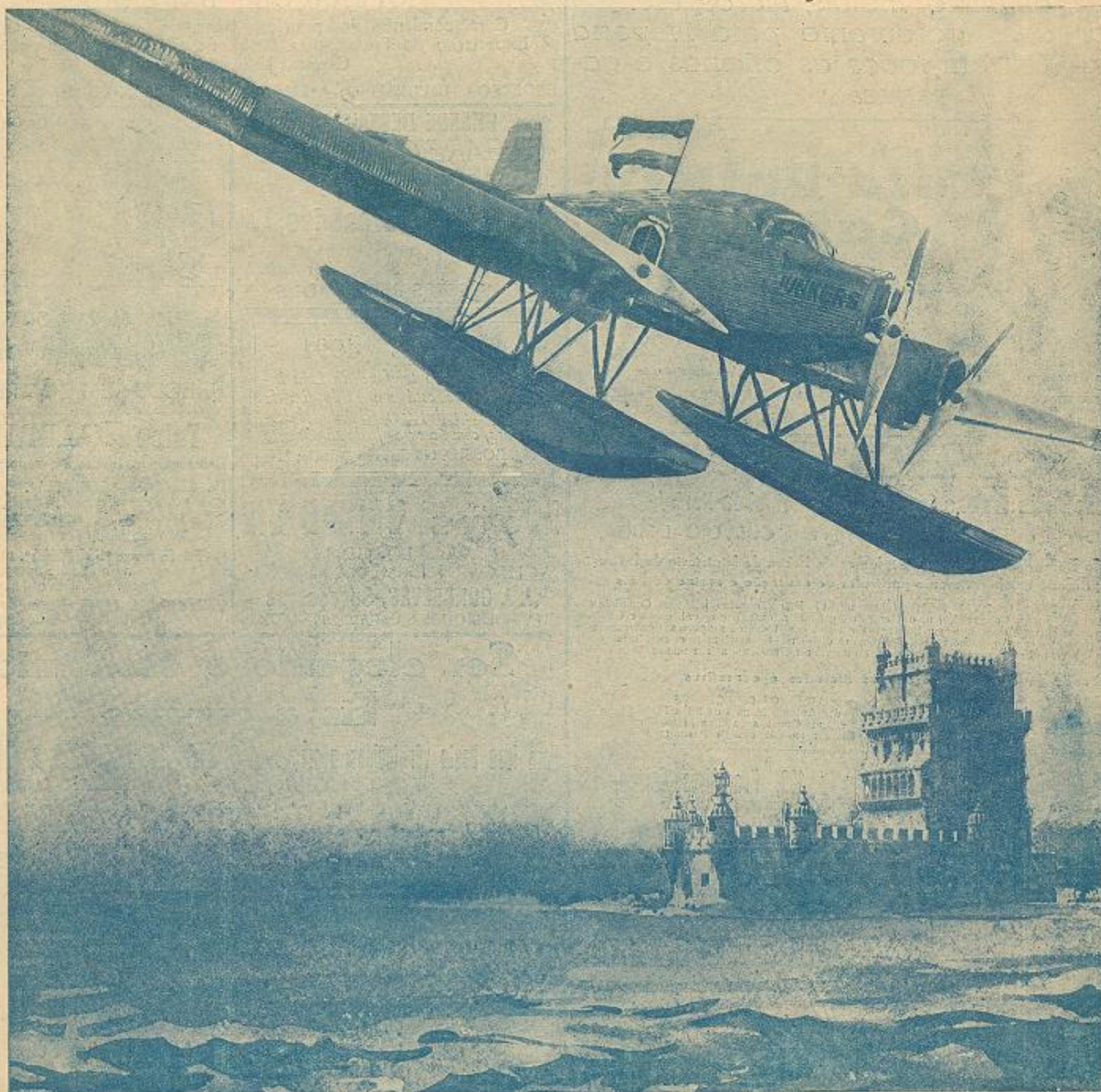
CONTINENTE E ESPANHA

ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC -
TRIMESTRE - 12 ESC -

ASSINATURAS

COLONIAS
ANO 52220 - SEMESTRE 2600
ESTRANGEIRO
ANO 64264 - SEMESTRE 3200

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - THEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



As grandes viagens aereas

O celebre avião trimotor *Junker's* que pretendia fazer a viagem Hamburgo-New-York, foi forçado a aterrar na praia de Santa Cruz e veiu rebocado para Lisboa. Ei-lo sobre as aguas tranquilas e acolhedoras do Tejo.

A exposição de ex-libris na Imprensa Nacional constitue o maior acontecimento mundial de artes graficas do presente ano.